

**ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS EM UM TEXTO DE OPINIÃO DE
REINALDO AZEVEDO**

**ARGUMENTATIVE STRATEGIES IN A TEXT OF OPINION BY REINALDO
AZEVEDO**

Mônica Moreira de Magalhães¹

Eliana Amarante de Mendonça Mendes²

Resumo: *Partindo-se de pressupostos teóricos da Nova Retórica (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005), este texto tem o objetivo de analisar algumas estratégias argumentativas utilizadas por Reinaldo Azevedo, em um texto de opinião sobre a redação do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM – 2012. Analisamos algumas estratégias utilizadas pelo autor para defender seu ponto de vista de que a redação deveria ser impugnada. Nossa análise contempla as provas retóricas: ethos, pathos e logos; a (im)pertinência do tema e o uso de descrições definidas. O orador constrói uma imagem de si como um intelectual, como alguém que tem um ethos positivo para tratar do assunto em questão. Ao que parece, na construção da argumentação, as emoções de indignação quanto ao tema da redação e de piedade por aqueles que “sofrem” com a redação do ENEM atuam conjuntamente com o ethos do autor. Por outro lado, são usadas descrições definidas ao longo do texto cujos referentes são imprecisos, uma estratégia que pode comprometer a compreensão do leitor e a tentativa de persuasão empreitada pelo autor.*

Palavras-chave: *Argumentação; Persuasão; Estratégias.*

Abstract: *Basing on theoretical assumptions of the New Rhetoric (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005), the main purpose of this text is analyzing some argumentative strategies used by Reinaldo Azevedo in his text of opinion about the text production required in the Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM – 2012. We analyze some strategies used by the author to support his point of view that the text production in ENEM 2012 should be canceled. Our analysis include the rhetorical proofs: ethos, pathos and logos; the (im)pertinence of the theme and the use of definite descriptions. The orator constructs his image as an intellectual, as somebody who has a positive ethos to talk about the subject in focus. Apparently, in the argumentation process, the emotions of indignation because of the theme to the text production and the piety for those who “suffer” with the text production in ENEM work together with the author’s ethos. On the other hand, some definite descriptions were used along the text which refer to inaccurate entities, a strategy which can complicate the reader’s comprehension and the attempt of persuasion intended by the author.*

Key-words: *Argumentation; Persuasion; Strategies.*

¹ Doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em Letras/Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Belo Horizonte, Brasil, e-mail: moreiramagal@ig.com.br

² Professora Titular em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pós-Doutora pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Belo Horizonte, Brasil, e-mail: mendes@ufmg.br

1 Introdução

Partindo-se de pressupostos teóricos da Nova Retórica (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005), este texto tem o objetivo de analisar algumas estratégias argumentativas utilizadas por Reinaldo Azevedo, em um texto de opinião sobre a redação do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM – 2012. Reinaldo Azevedo é colunista da **Revista Veja Online** e publicou esse texto em seu *blog* (AZEVEDO, 2012), no dia 05 de novembro de 2012, um dia após a realização da prova de redação do ENEM. Para facilitar a visualização dos elementos analisados, reproduzimos a versão completa a seguir, com numeração das linhas.

O tema estúpido da redação do Enem, as mentiras do examinador e as duas exigências absurdas feitas aos estudantes. Ou: Intelectualmente falando, prova de redação deveria ser impugnada!

1 Não vi no detalhe a prova do Enem. Sei que professores de cursinho divergem sobre a resposta de
2 algumas questões, a maioria relacionada a interpretação de texto, que costuma mesmo ser terra de ninguém. Mas
3 não vou me ater a isso agora. Quero aqui comentar o tema da redação.

4 Poucas pessoas se deram conta de que o Enem — quem quer tenha elaborado a prova — deu à luz uma
5 teoria e obrigou os pobres estudantes a escrever a respeito, a saber: “O movimento imigratório para o Brasil no
6 século XXI”. Ainda que houvesse efetivamente um fenômeno de dimensão tal que permitisse tal afirmação —
7 não há —, cumpre lembrar que estamos apenas nos 12 primeiros anos do referido século.

8 “Século”, em ciências humanas, não é só uma referência temporal. É também um tempo histórico. Mais
9 30 anos podem se passar, sem que tenhamos chegado à metade do século 21, e podem diminuir drasticamente as
10 correntes — que nem são fluxo nem são movimento — de migração para o Brasil. Tratar esse evento como
11 característica de século é burrice. Provo: “O PT é o partido que mais elegeu presidentes no século XXI”. O que
12 lhes parece? Ou ainda: “O PSDB é o maior partido de oposição do século XXI no Brasil”. Ou isto: “O PMDB,
13 no século 21, participa de todos os governos”.

14 Ao estudante, são apresentados três textos de referência. Um deles trata da imigração para o Brasil no
15 século 19 e começo do século 20 e de sua importância na formação do país. Um segundo aborda a chegada dos
16 haitianos ao Acre, e um terceiro trata dos bolivianos clandestinos que trabalham em oficinas de costura em São
17 Paulo.

18 Vejam que curioso. O examinador acabou fazendo a redação — e das ruins, misturando alhos com
19 bugalhos. Tenta-se induzir os alunos a relacionar essas duas ocorrências recentes — a chegada de haitianos e de
20 bolivianos — aos fluxos migratórios do passado, quando houve um claro incentivo oficial à entrada de
21 imigrantes. Os fatos de agora não guardam qualquer relação de forma ou conteúdo com o que se viu no passado.

22 Mas e daí? O Enem não está interessado em rigor intelectual — e bem poucos alunos do ensino médio
23 teriam, com efeito, crítica suficiente para estabelecer as devidas diferenças. A prova não quer saber dessas
24 diferenças — e chego a temer que um aluno mais preparado e ousado, coitado!, possa quebrar a cara. Um ou
25 outro poderiam desmoralizar a “teoria”, com o risco de ser desclassificado.

26 Na formulação da proposta, pede-se que o aluno trate do tema “formulando proposta de intervenção que
27 respeite os direitos humanos”. Assim, exige-se do pobre que, além de defender e sustentar com argumentos uma
28 tese estúpida, ainda se comporte como um verdadeiro formulador de políticas públicas ou, sei lá, um especialista
29 em populações.

30 Essas duas exigências foram já incorporadas às provas de redação do Enem. Muito bem: digamos que
31 um estudante seja contrário a que se concedam vistos a quaisquer pessoas que cheguem clandestinas ao Brasil,
32 defendendo que sejam repatriadas. Esse aluno hipotético estaria apenas cobrando respeito à lei — pela qual deve
33 zelar o Poder Público — o mesmo Poder Público que realiza a prova.

34 Digam-me cá: a repatriação de clandestinos é uma “intervenção aceitável”, ou o estudante está obrigado
35 a concordar com o examinador, como há de ceder que, afinal, dois mais dois são quatro? A repatriação, no caso,
36 seguindo os passos das leis democraticamente instituídas no Brasil, caracteriza um atentado aos direitos

37 humanos? Até agora, o próprio governo federal não sabe o que fazer com os haitianos, e o Ministério Público do
38 Trabalho não consegue coibir a exploração da mão de obra boliviana. Por que os estudantes teriam de ter para
39 isso uma resposta?

40 Atenção! Eu nem estou aqui a defender isso ou aquilo. Noto apenas que a imigração ilegal divide
41 opiniões no mundo inteiro e que é um absurdo, uma arrogância inaceitável, que se possa, depois de inventar uma
42 tese, estabelecer qual é a opinião correta que se deve ter a respeito, exigindo ainda que os estudantes proponham
43 “intervenções”, porém vigiados pelo “Tribunal dos Direitos Humanos”. Ai o bobinho esperneia: “Mas defender
44 os direitos humanos não é um bem em si, um valor em si?”. Claro que é! Assim como ser favorável ao Bem, ao
45 Belo e ao Justo. A questão é saber que tribunal decide quando “os direitos humanos” estão ou não a ser
46 respeitados. Eu, por exemplo, considero que seguir leis democraticamente instituídas ou referendadas, segundo
47 os fundamentos da dignidade humana (a integridade física e moral), é uma expressão eloquente dos... direitos
48 humanos!

49 A prova é apenas macumbaria multiculturalista mal digerida — não que possa haver uma forma
50 agradável de digeri-la, é bom deixar claro! As provas de redação do Enem — e de vários vestibulares — têm
51 cobrado que os alunos sejam mais bonzinhos do que propriamente capazes.

52 Não por acaso, nas escolas e nos cursinhos, as aulas de redação têm-se convertido — sem prejuízo de o
53 bom professor ensinar as técnicas da argumentação — numa coleção de dicas politicamente corretas para o aluno
54 seduzir o examinador. Com mais um pouco de especialização, o pensamento será transformado numa fórmula ou
55 numa variante do “emplastro anti-hipocondríaco”, de Brás Cubas (o de Machado de Assis), destinado “a aliviar a
56 nossa pobre humanidade da melancolia”.

57 É o que têm feito os professores: um emplastro antipoliticamente incorreto, destinado a “aliviar os
58 nossos pobres alunos da tentação de dizer o que eventualmente pensam”.

59 Isso, como todo mundo sabe, é o contrário da educação.

60 A partir de hoje, começo a escarafunchar as teses de especialistas brasileiros em geografia humana e
61 populações em busca do “Movimento Migratório para o Brasil no século 21” — nada menos. Segundo critérios
62 estritamente intelectuais, essa prova de redação deveria ser simplesmente impugnada.

63 Sei que não é conforto para os alunos que fizeram a prova, mas escrevo mesmo assim: se vocês não
64 tinham muito o que dizer a respeito, não fiquem preocupados — vocês foram convidados a falar sobre uma
65 falácia, sobre o nada.

Já de antemão, o título chama a atenção pela sua extensão e pelo conteúdo. O “ou” que introduz a segunda frase desencadeia uma ambiguidade. Por um lado, é possível interpretá-lo disjuntivamente, entendendo que o autor propõe dois possíveis títulos: 1) O tema estúpido da redação do Enem, as mentiras do examinador e as duas exigências absurdas feitas aos estudantes e 2) Intelectualmente falando, prova de redação deveria ser impugnada!. Por outro lado, também é possível interpretá-lo conjuntivamente, entendendo que ele faz parte do título como um todo. Nessa segunda interpretação, que nos parece mais pertinente, o título já contém, em si, uma tese - o tema da redação do Enem é estúpido, uma argumentação – as mentiras do examinador e as duas exigências absurdas feitas aos estudantes – e uma conclusão – a prova de redação deveria ser impugnada.

O texto apresenta o seguinte plano geral:

TESE	O tema da redação do ENEM é estúpido.	2º e 3º parágrafos
ARGUMENTAÇÃO	Considerações sobre o examinador	5º, 9º e 10º parágrafos
	As duas exigências absurdas feitas aos estudantes: 1ª) defender e sustentar com argumentos uma tese estúpida;	3º parágrafo
	2ª) formular uma proposta de intervenção.	7º, 8º, 9º e 10º parágrafos
	Crítica às provas de redação do ENEM	11º parágrafo
	Crítica às aulas de redação e aos professores	12º, 13º e 14º parágrafos
CONCLUSÃO	A prova de redação deveria ser impugnada.	15º parágrafo
REFUTAÇÃO DA CONCLUSÃO	A impugnação não é conforto para os alunos que fizeram a prova.	16º parágrafo

Segundo Perelman:

A argumentação tem como objeto o estudo das técnicas discursivas cujo intuito é ganhar ou reforçar a adesão das mentes às teses que se lhes apresentam ao assentimento. Toda argumentação pressupõe um orador, aquele que apresenta um discurso (o qual pode, aliás, ser comunicado tanto por escrito como verbalmente), um auditório, aqueles a que visa a argumentação (o qual pode identificar-se com o orador, na deliberação íntima) e uma finalidade, a adesão a uma tese ou o crescimento da intensidade da adesão, que deve criar uma disposição à ação e, se for o caso, desencadear uma ação imediata. (1997, p. 324).

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) definem auditório como “*o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação.*” (p. 22, grifos dos autores). Eles falam de três espécies de auditório: 1º) auditório universal: constituído por toda a humanidade, 2º) auditório particular: constituído unicamente pelo interlocutor a quem o orador se dirige e 3º) o próprio sujeito que fala.

No caso do texto em foco, o *orador* é o próprio autor – Reinaldo Azevedo, que apresenta seu discurso em seu *blog*. Tem-se um *auditório particular*, constituído pelos leitores do *blog* em geral, pelos produtores e avaliadores da prova do ENEM e, mais especificamente, pelos candidatos. Por fim, a *finalidade* é predominantemente persuasiva, visto que se “procura atingir a vontade, o sentimento do(s) interlocutor(es), por meio de argumentos plausíveis ou verossímeis e tem caráter ideológico, subjetivo, temporal, dirigindo-se, pois, a um ‘auditório particular’ [...]” (KOCH, 2004, p. 18). Busca-se a adesão do auditório à tese de impugnação da prova de redação.

Na próxima seção, analisamos algumas estratégias argumentativas utilizadas pelo autor para defender seu ponto de vista de que a redação deveria ser impugnada. Não pretendemos fazer uma análise exaustiva, trataremos apenas daquelas estratégias que nos pareceram mais salientes.

2 Análise de algumas estratégias argumentativas

Na análise que passamos a apresentar, serão contemplados os seguintes elementos, distribuídos em subseções: 2.1 As provas retóricas: *ethos*, *pathos* e *logos*, 2.2 A (im) pertinência do tema e 2.3 O uso de descrições definidas.

2.1 As provas retóricas: *ethos*, *pathos* e *logos*

Helcira Lima, em sua Tese de Doutorado (LIMA, 2006), prefere tratar as provas retóricas como dimensões. Diz a autora:

A ideia das dimensões me abre a possibilidade de pensar na argumentação em uma perspectiva relacional, no sentido em que ela seria fruto de relações estabelecidas entre as dimensões e os recursos usados em cada uma delas. Nesses termos, sustento a tese de que a argumentação é constituída de três dimensões que se interseccionam, embora possuam também vida independente. Essas dimensões estariam presentes em qualquer tipo de discurso, já que parto do pressuposto de que a argumentação é inerente ao processo de discursivização. (p. 117).

O *ethos* retórico está na dimensão da *construção das imagens (de si e do outro)*. A dimensão *patêmica* “relaciona-se à mobilização das emoções com fins persuasivos; emoções movidas por uma *visée*” (LIMA, 2006, p. 117). Por fim, o *logos* está na dimensão *demonstrativa* e “direciona-se para um uso da linguagem sob as bases de uma racionalidade mais calculada, embora essa racionalidade se faça presente também nas outras dimensões” (LIMA, 2006, p. 118).

A autora destaca que, “apesar de se manifestarem de um modo ou de outro, na argumentação, elas podem predominar mais em uma ou outra forma de interação” (LIMA, 2006, p. 118).

Segundo Amossy (2008, p. 125):

No momento em que toma a palavra, o orador faz uma idéia de seu auditório e da maneira pela qual será percebido; avalia o impacto sobre seu discurso atual e trabalha para confirmar sua imagem, para reelaborá-la ou transformá-la e produzir uma impressão conforme às exigências de seu projeto argumentativo.

Na construção do texto em foco, o autor projeta seu *ethos* como intelectual. Já no título, deixa claro que está “intelectualmente falando”, o que é reforçado quando ele reapresenta a sua conclusão no penúltimo parágrafo (l. 60-62): “Segundo **critérios estritamente intelectuais**, essa prova de redação deveria ser simplesmente impugnada.” (grifos nossos).

Há outros dois recursos que reforçam esse caráter do orador que são: 1º) a ideia que ele passa de conhecedor das ciências humanas, pelo que se deduz da linha 8: “‘Século’, em ciências humanas, não é só uma referência temporal. É também um tempo histórico.” e 2º) a citação direta de Machado de Assis, nas linhas 54-56, demonstrando conhecimento também de literatura brasileira.

Valendo-se do seu *ethos* favorável, Azevedo (2012), inclusive, usa a si mesmo como autoridade para um argumento, estratégia que se vê no final do 10º parágrafo, linhas 46-48: “Eu, por exemplo, considero que seguir leis democraticamente instituídas ou referendadas, segundo os fundamentos da dignidade humana (a integridade física e moral), é uma expressão eloquente dos... direitos humanos!”.

Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 348), “o argumento de prestígio mais nitidamente caracterizado é o argumento de autoridade, o qual utiliza atos ou juízos de uma pessoa ou de um grupo de pessoas como meio de prova a favor de uma tese”.

No caso do exemplo acima, o crítico traz a sua consideração como prova para defender que um aluno hipotético que venha a defender a repatriação de clandestinos não deva ser penalizado pelo “examinador”. A força argumentativa desse recurso estaria no “próprio caráter do orador, sua legitimidade, credibilidade, enfim, sua imagem positiva diante do auditório que ele visa persuadir” (EMEDIATO, 2010, p. 175).

Entretanto, trata-se de um argumento questionável, uma vez que o próprio autor já afirmara, anteriormente, que esse aluno “estaria apenas cobrando respeito à lei”, logo, não se cogita a possibilidade de desrespeito aos direitos humanos. Seria diferente se um candidato propusesse, por exemplo, racismo, tortura ou extermínio de estrangeiros.

Ao contrário da imagem positiva do autor, a imagem dos estudantes que fizeram a redação, e que constituem o auditório particular mais específico a quem o orador se dirige, é construída negativamente. Analisando a seleção lexical, vemos que esses estudantes são referidos no texto com substantivos e/ou adjetivos como se segue: “pobres estudantes” (l. 5), “estudante(s)” (l. 14, 31, 34, 38 e 42), “o(s) aluno(s)” (l. 19, 26, 51, 53 e 63), “alunos do

ensino médio” (l. 22), “um aluno mais preparado e ousado, coitado!” (l. 24), “o pobre” (l. 27), “o bobinho” (l. 43), “os nossos pobres alunos” (l. 57-58), “vocês” (l. 63 e 64). Percebemos que predominam as formas referenciais menos marcadas: estudante(s), aluno(s) e vocês, mas para qualificar o referente, foram usadas formas mais marcadas, os itens lexicais: pobre (com três ocorrências), coitado e bobinho (com uma ocorrência cada).

Assim, o texto parece apresentar uma imagem um tanto estereotipada do estudante que fez o ENEM. Seguindo uma definição de Amossy (2008, p. 125), a estereotipagem “é a operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, um esquema coletivo cristalizado.” Nesse sentido, parece que, na visão do autor, os alunos em geral seriam incapazes de desenvolver o tema proposto.

É necessário salientar que, apesar de o autor projetar uma imagem super positiva de si, ele também apresenta estratégias de **preservação de face** (GOFFMAN, 1980), principalmente pelo uso do futuro do pretérito como modalizador da sua conclusão, já expressa no título: “prova de redação **deveria ser** impugnada” (grifos nossos).

Apesar de defender com veemência a sua conclusão, a sua proposta, o colunista usa estratégias para atenuar o que diz. Segundo Ducrot (1977, p. 13), o autor diz certas coisas, mas quer poder fazer como se não as tivesse dito para poder “recusar a responsabilidade de tê-las dito”. Esse recurso pode ser encontrado nas linhas 40-41: “Atenção! Eu nem estou aqui a defender isso ou aquilo. Noto apenas que a imigração ilegal divide opiniões no mundo inteiro [...]”.

A argumentação pelo *pathos* é feita, principalmente, através das emoções de piedade e indignação. O autor manifesta piedade, sensibilidade em relação aos estudantes que fizeram a prova de redação do ENEM, caracterizados como “pobres”, sofredores. E manifesta sua indignação com o tema proposto através da escolha dos qualificadores: “tema estúpido” (título); “exigências absurdas” (título); a escolha do tema: “burrice” (l. 11), “uma falácia” (l. 64-65), “o nada” (l. 65); a proposta de intervenção: “um absurdo”, “uma arrogância inaceitável” (l. 41); a prova: “macumbaria multiculturalista mal digerida” (l. 49).

Quanto a essa escolha, Perelman e Olbrechts-Tyteca afirmam que “a organização dos dados com vistas à argumentação consiste não só na interpretação deles, no significado que se lhes concede, mas também na apresentação de certos aspectos desses dados, graças aos acordos subjacentes na linguagem que é utilizada”. (2005, p. 143).

Nesse sentido, o uso hiperbólico dos qualificadores no sentido pejorativo visa a realçar/reforçar a argumentação que desqualifica o objeto em discussão.

Azevedo, ao longo do texto, apresenta-se como intelectual e, como não poderia deixar de ser, recorre também à argumentação pelo *logos*. Nesse caso, o recurso utilizado é a demonstração. Depois de defender o ponto de vista de que tratar as correntes de imigração para o Brasil “como característica de século é burrice”, o autor apresenta o que seriam as suas provas lógicas: “Provo: ‘O PT é o partido que mais elegeu presidentes no século XXI’. O que lhes parece? Ou ainda: ‘O PSDB é o maior partido de oposição do século XXI no Brasil’. Ou isto: ‘O PMDB, no século 21, participa de todos os governos’.” (l. 11-13).

Assim postas, e contando com a anuência do leitor, essa argumentação parece inquestionável, irrefutável; o escritor deixa para o próprio leitor responder a sua pergunta retórica: “O que lhes parece?”.

Segundo Emediato (2010, p. 166): “A argumentação *demonstrativa* se apoia em *fatos* e em *verdades* já aceitas e que funcionam como provas para a validade de outras teses e de outras verdades.” (grifos do autor). Vale salientar, porém, que, no exemplo acima, o orador trabalha no nível do implícito, levando o interlocutor à inferência de que, se não se pode falar que “O PT é o partido que mais elegeu presidentes no século XXI”, porque ainda estamos no início do século XXI, também não se pode falar de “movimento imigratório para o Brasil no século XXI”.

2.2 A (im)pertinência do tema

Como visto anteriormente, o tema é criticado pelo colunista, inclusive, com o argumento de que os estudantes não conseguiriam desenvolvê-lo. No entanto, se considerarmos o contexto em que foi apresentado aos candidatos, ou seja, a proposta de redação como um todo (em Anexo), veremos que não é tão “absurdo” assim, a começar pelo conteúdo dos textos motivadores. O primeiro texto trata da imigração no passado, séculos XIX e XX, mas já chama a atenção para o presente: “há a necessidade de tratar sobre deslocamentos mais recentes”. O segundo texto fala sobre a chegada de haitianos ao Brasil no final de 2011 (século XXI). Já o último texto apresenta dados de imigrantes bolivianos de acordo com o último senso, dados atuais, portanto.

Um aluno letrado, com o devido letramento que se espera daquele que conclui o Ensino Médio, compreende facilmente que o tema “O movimento migratório para o Brasil no século XXI” é equivalente a “O movimento migratório para o Brasil no presente, na atualidade”, enfim. Não há, na proposta da redação, nenhuma indicação de que “século XXI” deva ser entendido como século completo, acabado.

A argumentação por comparação e contraste é uma estratégia legítima e perfeitamente pertinente para abordar o tema em questão. Também o é a argumentação pela linha do tempo: passado→presente→futuro. São essas as principais estratégias usadas pelo(a) autor(a) da redação que reproduzimos a seguir, escrita por um(a) candidato(a) do ENEM 2012, segundo reportagem de Priscilla Borges (Borges, 2012), publicada no portal iG, em 10 de novembro de 2012. Esta redação é um exemplo de que é possível, sim, escrever sobre o tema proposto.

Imigração: combater ou não?

Há fluxos migratórios, de pessoas, desde o paleolítico, no entanto, as suas causas foram alterando-se no decorrer dos tempos: na Antiguidade eram a seca ou a necessidade alimentar; na Idade Média, a religião e na Idade Moderna e Contemporânea, o trabalho. Sendo as guerras um fator comum em todos os períodos supramencionados. O Brasil é um dos países que mais recebeu e ainda recebe imigrantes, das mais diversas nacionalidades, desde o século XVI.

A imigração para o Brasil é muito peculiar. Durante a Colônia e o Império os imigrantes eram, principalmente, europeus ocidentais e africanos. Estes foram trazidos compulsoriamente e aqueles vieram por motivos variados. Hoje, os imigrantes são oriundos de países pobres, em sua maioria, das Américas e da África, principalmente de Angola por ser um país lusofônico, além de Haiti, Bolívia e Paraguai, pela proximidade, acarretando, em partes, problemas econômicos.

A vinda de estrangeiros, para o Brasil, deve ser controlada. A imigração desenfreada só prejudicará a economia brasileira, no que tange ao desemprego, e aos próprios imigrantes em virtude da xenofobia. O país necessita de profissionais qualificados, logo, a chegada destes ajudaria o Brasil a desenvolver-se.

Infelizmente, conter a imigração ilegal é quase impossível, vide os Estados Unidos, porém deveria haver um controle melhor das fronteiras, usando o exército para proibir a imigração ilegal. Outro ponto seria a criação de um projeto similar ao canadense, para convidar os estrangeiros que queiram morar no Brasil, no entanto, os candidatos deverão ter qualificação acadêmica e profissional, análogo ao programa do Canadá. Além do mais, a diminuição da burocracia para a deportação, seguindo as regulamentações da ONU e da OEA. Com todas essas medidas perpetradas, serão assegurados os empregos dos brasileiros e o desenvolvimento nacional, contribuído pela qualificação dos estrangeiros.

Já na introdução, tem-se: “Há fluxos migratórios, de pessoas, desde o paleolítico, no entanto, as suas causas foram alterando-se no decorrer dos tempos [...]” e, mais adiante, no segundo parágrafo: “Hoje, os imigrantes são oriundos de países pobres [...]”. O(a) candidato(a) faz uma comparação das migrações ocorridas em diferentes momentos históricos para apontar as suas diferenças. Parte do passado para se chegar ao presente, ao século XXI.

2.3 O uso de descrições definidas

Neste trabalho, entendemos descrições definidas como “grupos nominais precedidos do artigo definido” (DUCROT, 1977, p. 232). São descrições que “comportam de maneira quase constante indicações existenciais” (DUCROT, 1977, p. 234).

Serão analisadas as seguintes descrições definidas: “as mentiras do examinador” (título), “o examinador” (l. 18, 35 e 54), “a redação” (l. 18) e “a opinião” (l. 42). Dentro do contexto linguístico em análise, ou co-texto, não é possível encontrar nenhum referente explícito para essas expressões; no contexto situacional, considerando as condições de produção do discurso, essas entidades pressupõem uma existência (FREGE, 1978), mas que é de difícil acesso, o que as torna, portanto, vagas e imprecisas para o leitor.

Já no título, faz-se menção às “mentiras do examinador”, mas o leitor conclui a leitura do texto com interrogações: Quais são essas mentiras? Onde elas estão?

Essa entidade, “o examinador”, é usada pelo autor de forma recorrente, entretanto, sem nomeá-lo, sem atribuir a ele um nome próprio. Isso parece sugerir que tal entidade já faz parte do conhecimento partilhado entre orador e auditório. Sobre quem vai avaliar a redação, diz o Guia do participante do ENEM 2012 (BRASIL, 2012) ao candidato: “O texto produzido por você será avaliado por, pelo menos, dois professores, de forma independente, sem que um conheça a nota atribuída pelo outro.” (p. 7). Lê-se, mais adiante, que, em caso de discrepância das notas, “a redação será avaliada, de forma independente, por um terceiro avaliador” (p. 8).

No 5º parágrafo do nosso texto de análise, Azevedo diz que “o examinador acabou fazendo a redação — e das ruins, misturando alhos com bugalhos” (l. 18-19, grifos nossos) e surgem novas indagações: Que redação? Onde ela está? Na proposta de redação (em Anexo), encontram-se três textos independentes, cujas fontes estão devidamente informadas. O comando da prova ordena ao candidato: “A partir da leitura dos textos motivadores seguintes e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo [...]”. Ou seja, os textos servem de motivação para que o candidato construa seu próprio texto com autoria. A cópia desses textos, inclusive, é penalizada, como informa o último item das instruções da proposta.

O 10º parágrafo do texto do colunista da **Veja** deixa implícito que “o examinador” teria estabelecido “a opinião correta” (l. 42) que o estudante deveria ter a respeito da imigração ilegal. E, então, surgem mais dúvidas: Que opinião seria essa? Como localizá-la? A

proposta de redação pede que o candidato apresente “proposta de intervenção, que respeite os direitos humanos” e aí cabem múltiplas opiniões, não apenas essa “correta” como sugere o colunista. A redação aqui reproduzida, por exemplo, apresenta proposta de intervenção com medidas que respeitam os direitos, inclusive “a diminuição da burocracia para a deportação” (último parágrafo).

Como estratégia argumentativa, o autor faz **uso retórico da pressuposição**, “que consiste em apresentar como já sendo do conhecimento público ou como fazendo parte do saber partilhado entre locutor e o(s) alocutário(s) justamente aquilo que se deseja veicular (fazer passar) [...]” (KOCH, 2004, p. 143).

No entanto, como o leitor pode ter dificuldade para acessar os referentes exatos das descrições definidas usadas, isso pode comprometer a sua adesão à tese defendida no texto.

3 Considerações finais

Como vimos, o texto aqui analisado integra argumentos das três dimensões: *ethos*, *pathos* e *logos*, mas com um peso maior da dimensão patêmica, que se manifesta, principalmente, numa argumentação mais fundada nas emoções de piedade e indignação.

O orador constrói uma imagem de si como um intelectual, como alguém que tem um *ethos* positivo para tratar do assunto em questão. Ao que parece, na construção da argumentação, as emoções de indignação quanto ao tema da redação e de piedade por aqueles que “sofrem” com a redação do ENEM atuam conjuntamente com a imagem positiva que o autor constrói de si. Por outro lado, o uso de descrições definidas com referentes imprecisos pode comprometer a tentativa de persuasão empreitada pelo autor. Usando as palavras de Koch, dizemos que:

A rejeição dos pressupostos resvala a afronta pessoal: não se debate mais o dito, mas o próprio direito de dizer, ou seja, o direito do locutor de escolher e organizar a experiência posta em discurso, a função da fala do interlocutor torna-se metalingüística, ou melhor, polêmica. (2004, p. 57).

A conclusão da argumentação do texto que, a princípio, soa como impactante: “impugnar a redação”, que vem atrelada a uma estratégia significativa de **preservação da face**, o uso do modalizador futuro do pretérito “deveria ser impugnada”.

Ao mesmo tempo em que se tem uma conclusão provocativa que defende que a redação seja impugnada, tem-se uma refutação dessa conclusão: “não é conforto para os alunos que fizeram a prova” (l. 63). Desse modo, concluímos que o autor pretende sensibilizar os leitores em geral contra o tema da redação e, principalmente, provocar os alunos que fizeram a prova para também defenderem a impugnação dela. Ele conclui o seu texto afirmando que os alunos “foram convidados a falar sobre uma falácia, sobre o nada” (l. 64-65).

Referências

AMOSSY, R. (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2008.

AZEVEDO, R. **O tema estúpido da redação do Enem, as mentiras do examinador e as duas exigências absurdas feitas aos estudantes**. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/o-tema-estupido-da-redacao-do-enem-as-mentiras-do-examinador-e-as-duas-exigencias-absurdas-feitas-aos-estudantes-ou-intelectualmente-falando-prova-de-redacao-deveria-ser-impugnada>> Acesso em: 18 nov. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Diretoria de Avaliação da Educação Básica (DAEB). **A redação no ENEM 2012: guia do participante**. Brasília-DF, 2012.

BORGES, P. Professores analisam quatro redações de candidatos do Enem. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/enem/2012-11-10/professores-analisam-quatro-redacoes-de-candidatos-do-enem.html>> Acesso em: 18 nov. 2012.

DUCROT, O. **Princípios de semântica lingüística: dizer e não dizer**. Tradução de Carlos Vogt, Rodolfo Ilari e Rosa Attié Figueira. São Paulo: Cultrix, 1977.

EMEDIATO, W. **A fórmula do texto: redação, argumentação e leitura**. 5. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2010.

FREGE, G. **Lógica e filosofia da linguagem**. Tradução de Paulo Alcoforado. São Paulo: Cutrix, 1978.

GOFFMAN, E. A elaboração da face: uma análise dos elementos rituais da interação social. In: FIGUEIRA, Sérgio Augusto. (Org.) **Psicanálise e ciências sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1980, p. 76-114.

KOCH, I. G. V. **Argumentação e linguagem**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

LIMA, H. M. R. **Na tessitura do Processo Penal**: a argumentação no Tribunal do Júri. 2006. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/.../helcira_lima_tese.pdf?...1> Acesso em: 20 nov. 2012.

PERELMAN, C. **Retóricas**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação**: A nova Retórica. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Data de recebimento: 23 de abril de 2013.

Data de aceite: 12 de julho de 2013.

